



A Polêmica Discursiva do Capitalismo Nacional em Livros-reportagem-tese de Monteiro Lobato¹

Simão Farias Almeida²

Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, Roraima

Resumo:

O Livro-reportagem é um gênero jornalístico-literário com extensão privilegiada para representar polêmicas com lugar na opinião pública. A partir da proposta de uma classificação em subgêneros, analisamos duas obras de Monteiro Lobato como Livros-reportagem-tese, através dos quais o escritor jornalista relativiza e metaforiza, conforme teoria de Adriano Duarte Rodrigues, discursos institucionais a fim de legitimar a polêmica do próprio discurso panfletário com os poderes políticos da época sobre o capitalismo brasileiro. Em *Ferro* (1931) e *O Escândalo do Petróleo* (1936), Lobato utiliza estratégias e interferências discursivas para referenciar o dissenso do país como nação.

Palavras-chaves: Livro-reportagem-tese; polêmica; estratégias discursivas; capitalismo nacional.

O livro-reportagem rende debates até hoje, alguns calorosos sobre a categorização do gênero. À parte as polêmicas, que geram hiatos ou aproximações entre fato e ficção, produções jornalístico-literárias possuem status de documentos reveladores do pensamento, da opinião pública de uma época e de uma sociedade.

Devido insatisfações com o tratamento dado a esse debate por críticos literários e do jornalismo³, desenvolvemos uma proposta para repensá-lo tanto em relação à classificação em subgêneros quanto ao processo histórico de consolidação do caráter híbrido do gênero. Um guia foi elaborado e tornado acessível aos estudantes do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Roraima⁴, com a finalidade de dissipar inquietações nas aulas a respeito de classificações e características apontadas por autores. Explicitamos aqui as questões centrais apontadas no guia.

Conceituamos livro-reportagem como o gênero por excelência do jornalismo literário, que polemiza o noticioso (personagens, temas, fatos) através de manejo variável de literariedade e operações jornalísticas normativas e arbitrárias.

¹ Trabalho apresentado no GT Jornalismo e Editoração do Inovcom, evento componente do VII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte.

² Professor Mestre do Curso de Comunicação Social da UFRR.

³ Os críticos literários Davi Arrigucci Jr., Flora Süssekind e Fábio Lucas assim como os críticos e jornalistas Edvaldo Pereira Lima e Felipe Pena mostram que as obras jornalístico-literárias suplantam a cisão entre fato e ficção, legitimando tanto a referencialidade com contextos sociais quanto o estilo de autor.

⁴ Até o momento o guia está disponível no link Materiais Didáticos do site www.ufr.br



Este jornalismo de autor⁵ se caracteriza pelo hibridismo, valorizando técnicas (descrição cena a cena, foco narrativo, diálogo completo, descrição de características e comportamentos⁶) e estilos (mítico, alegórico, irônico, metafórico etc.) literários, técnicas (pauta, documentação, entrevista) e operações (angulação, edição e polêmica) jornalísticas.

A angulação seleciona perspectivas sobre fatos, pessoas, temas, sendo determinada pelo autor na pauta e nas entrevistas. A edição estrutura e ordena as perspectivas dos personagens nas unidades temáticas e capítulos do livro, podendo ser regulada por critérios noticiosos de valoração (novidade, extensão e repercussões do fato), por técnicas como lead e documentação (entrevistas, pesquisas de arquivos e bibliográficas) e pirâmide invertida (do mais para o menos noticioso, do fato para as suas repercussões, do particular para o geral). A polêmica é o confronto de opiniões, depoimentos a respeito do fato, tema, personagem; a polêmica é estruturante tendo em vista que é editada de modo a convencer o leitor a respeito deste confronto, com lugar na opinião pública de uma sociedade em determinada época.

Estas operações são arbitrárias no livro-reportagem porque o escritor jornalista vai decidir como estruturar no formato livro os debates sociais, sem a regulação de um editor-chefe como acontece no jornalismo periódico diário, semanal ou mensal.

A angulação, edição e polêmica variam de subgênero a subgênero. Na biografia, o autor angula depoimentos de entrevistados sobre um perfil do personagem, sendo os perfis polemizados entre si; no livro *Cazuza – só as mães são felizes* de Lucinha Araújo e Regina Echeverria parentes, amigos e artistas polemizam perfis do filho mimado; do filho e cantor rebelde; do jovem da geração 80; do poeta; do filho, cantor e poeta vitimado pela AIDS. No subgênero tese, o autor confronta idéias a fim de argumentar e convencer o leitor sobre um tema; é o caso dos livros que analisamos. O livro-reportagem-romance se caracteriza pela representação alegórica de uma realidade, ou seja, os episódios fictícios da obra são análogos a fatos reais; em *O Presidente Negro*, Monteiro Lobato ilustra o racismo norte-americano de sua época através da alegoria da máquina do túnel do tempo usada pelos personagens para vislumbrar a eleição de um negro para presidente daquele país no ano de 2228. No subgênero factual, o autor

⁵ Entendemos que o jornalismo de autor se caracteriza pela liberdade jornalística de pauta, angulação e edição e pelo estilo jornalístico escolhido à parte a pretenciosa mas questionável objetividade jornalística. Ora, se a linguagem jornalística é empática com outras linguagens e arbitrária quanto aos usos lingüísticos, por que se ater às amarras da objetividade ao custo do lead? Por que o estilo não pode seduzir o leitor tanto quanto fato?

⁶ Características pertinentes a narrativas do *New Journalism* apontadas por Tom Wolfe (2005, p. 53-55), e que são encontradas no livro-reportagem.



polemiza testemunhos e opiniões sobre fato passado recente ou presente; o escritor jornalista Truman Capote, na obra *A Sangue Frio*, investiga e edita depoimentos de vizinhos, parentes e réus sobre o assassinato do casal Clutter no Kansas.

A proposta desse artigo é analisar a polêmica⁷ nas obras *O Escândalo do Petróleo* (1936) e *Ferro* (1931) de Monteiro Lobato. Muito lembrado como escritor, principalmente da série literária *O Sítio do Picapau Amarelo*, e geralmente esquecido como jornalista, Lobato foi uma figura emblemática dos debates nacionais da primeira metade do século XX. Seja em sua literatura, seja nas crônicas e artigos de jornais ou como editor de *A Revista do Brasil*, Lobato transversalizou o problema do Brasil como nação com os temas progresso, língua, arte e política.

No entanto, foi polemizando idéias nacionais e nacionalistas em formato livro que o escritor jornalista deixou um legado sobre o pensamento brasileiro da época; se os debates das crônicas e artigos de jornais e revistas estão empoeirados em arquivo limitado ao acesso público, seus livros-reportagem, muitos deles coletâneas de textos destes gêneros jornalísticos periódicos, estão disponíveis nas bibliotecas e até são aptos a reedições.

Décadas antes do movimento norte-americano *new journalism*, Monteiro Lobato produziu jornalismo em formato livro entendendo a extensão privilegiada para discutir idéias. Seu principal biógrafo, Edgar Cavalheiro (1955), entendeu que o autor preferia o livro ao jornal diário com seus prazos marcados e espaços reduzidos para esclarecer questões.

Cavalheiro, ao polemizar perfis em sua biografia *Monteiro Lobato: Vida e Obra*, aponta que o escritor jornalista tomou para si o papel social de denunciar, através de um nacionalismo crítico, nossas mazelas brasileiras. À parte sua impulsividade panfletária, era relativista a ponto de recusar a imitação cultural da Europa, mas valorizar a importação de técnicas de exploração de petróleo e ferro; a favor deste modelo norte-americano desenvolvimentista e denunciante dos interesses obscuros dos empresários e engenheiros estrangeiros.

São emblemáticos tanto o panfleto como a crítica relativista lobatiana nas obras que analisaremos. Passemos a elas.

⁷ Para concluir sobre a polêmica num livro-reportagem é preciso primeiro desconstruí-lo em discursos, identificando os tipos (direto, direto citado, indireto, indireto citado, indireto livre) e as polêmicas entre eles por capítulos; em seguida, o crítico deve confrontar as polêmicas dos capítulos a fim de compreender a polêmica do livro. Não pretendemos aqui apresentar a primeira etapa deste método hermenêutico, mas apontaremos a seqüência polêmica dos livros-reportagem-tese de Monteiro Lobato.



O escândalo do petróleo trata da denúncia do escritor contra a política nacional de impedir pesquisas de campos de petróleo favorecendo a exploração do mineral pelos estrangeiros.

Os argumentos de sua tese polemizam declarações de técnicos sobre o capital econômico, político e comercial do petróleo, culpam a burocratização do Estado brasileiro que contribuía para o avanço das pesquisas estrangeiras, comparam números da produção em alta de outros países com os tímidos e esforçados estudos geofísicos em Alagoas e São Paulo defendendo os alagoanos em detrimento dos interesses ocultos que interferiam na política do outro estado, denunciam crimes contra técnicos brasileiros interessados na pesquisa do petróleo, comprovam interesses dos *trusts* através de cartas e dos relatórios do Departamento Mineral do Governo Federal, defendem acionistas comprovando produção petrolífera em outros países graças às ações.

A tese prossegue com a crítica de contratos lavrados em cartórios entre companhias estrangeiras e nacionais com proprietários de terras em zonas petrolíferas, de leis do petróleo criadas para impedir as pesquisas, com relato de confissões de empresa norte-americana sobre o interesse do petróleo brasileiro, legitimando a luta contra a burocracia do Departamento Mineral e a descoberta do petróleo no campo de Riacho Doce na Bahia, denunciando tratados entre Brasil e Bolívia para importação do mineral deste país, e, por fim, associando o capitalismo brasileiro com o capitalismo internacional.

O último argumento do livro serve inclusive como conclusão da tese do autor em defesa do petróleo brasileiro. Todas as ações do Estado, de empresas particulares, de pessoas físicas e jurídicas interessadas em lucrar nos acordos com estrangeiros corroboravam com o capitalismo internacional.

A polêmica é estruturada através de depoimentos, documentos e estatísticas constituindo uma tese jornalística a fim de convencer o leitor sobre a campanha do petróleo brasileiro.

O livro-reportagem-tese em questão deve ser analisado a partir da interferência do autor na polêmica que ele constrói entre os discursos de técnicos em Geofísica e de autoridades do governo Vargas.

A tese de Monteiro Lobato pautada num estilo crítico suplanta a isenção do autor em relação ao tema tratado. No capítulo 1, ele ataca o Serviço Geológico Nacional de impedir a descoberta do petróleo:



“O Serviço Geológico fingiu que furava e depois, com a carinha mais inocente do mundo, dizia, ‘Não. Vocês estão vendo que não tem...’

Mas era mentira. Não furavam coisa nenhuma. Fingia que furava. Abriu buraquinhos ridículos, insuficientes para qualquer conclusão, buraquinhos de tatu de 100, 200, 300, 400 metros (...)” (1969, p.32).

O escritor jornalista vale-se da ironia que lhe é peculiar para interferir no discurso direto citado atribuído ao Serviço Geológico: ‘Não. Vocês estão vendo que não tem...’. Utiliza uma hipérbole negativa – buraquinhos de tatu – para argumentar a dimensão da interferência do poder Federal na opinião pública.

Em contrapartida, a interferência do discurso lobatiano durante sua tese tende a confrontar argumentos contrários. No capítulo 2, Lobato interfere no discurso indireto do Ministro Odilon Braga fazendo com que a pergunta daquele seja respondida pelo discurso indireto e discurso direto citado do opositor Osman Loureiro:

“O Ministro alega ainda que era desperdício de dinheiro dois estudos na mesma zona. Para que duas despesas, se tudo poderia resolver-se com uma só? Osman responde que a despesa com os estudos alemães já estava feito e que portanto ao Ministério da Agricultura cumpria não duplicá-la. ‘Nós já gastamos o dinheiro; economize vocês o seu, já que estão assim tão zelosos dos dinheiros publicos’” (sic) (1969, p.54).

Sem entrar no debate dos dois, Lobato mostra a posição do governo Vargas em forjar um interesse político do Estado ao forjar um discurso em que toma para si a responsabilidade sobre as pesquisas de petróleo.

No capítulo 6, o autor retoma a interferência do seu discurso no discurso estatal, apontando como saída para a produção de petróleo brasileiro mudanças do Ministério da Agricultura e do Departamento Mineral em relação ao controle das pesquisas:

“A Comissão de Inquérito poderá prestar ao Brasil um benefício imenso, abrindo de par em par as portas à nossa redenção econômica, se concluir os seus trabalhos com a única sugestão que a lógica impõe: ‘O que ha a fazer, é fazer justamente o contrario do que se tem feito’. Só isso” (sic) (1969, p. 116).

O uso da conjunção condicional *se* (grifo nosso) expressa as duas perspectivas em relação à política do petróleo, a adotada pelo governo, alvo das acusações lobatianas, e a de isenção estatal nas ações das empresas petrolíferas brasileiras.

No trecho acima, o autor atribui um discurso direto citado, por ele inventado, à Comissão de Inquérito do Petróleo, legitimando a sua crença numa menor interferência do governo Vargas na luta pelo petróleo brasileiro. A ficcionalização de um discurso revela que, de fato, a sua verdadeira autoria é atribuída ao autor e colabora com a lógica da sua tese em defesa da descoberta do mineral.



No capítulo 8, Lobato atribui discursos ao diretor do Serviço Geológico e Minerológico Federal, Euzébio de Oliveira, denunciando a interferência estatal numa campanha pública de ações capitais investidas em pesquisas petrolíferas:

“Se vier petróleo, raciocina ele, não vem para mim – e a verba some-se do orçamento. Ora, entre o Brasil ficar com o petróleo e eu sem verba, tolo seria se vacilasse. A verba é uma realidade; o petróleo é uma hipótese. Viva quem quiser de hipóteses; eu vivo de realidades.

É este o ‘conto do Euzébio’” (sic) (1969, p. 136).

Entre os raciocínios atribuídos ao Euzébio de Oliveira há o discurso lobatiano - Ora, entre o Brasil ficar com o petróleo e eu sem verba, tolo seria se vacilasse - que interfere de modo a desvirtuar a linha de pensamento relativa ao altruísmo estatal: Se vier petróleo, raciocina ele, não vem para mim – e a verba some-se do orçamento. A verba é uma realidade; o petróleo é uma hipótese. Viva quem quiser de hipóteses; eu vivo de realidades.

O discurso de Lobato não está marcado, mas se conhece sua autoria porque o argumento lobatiano se desenvolve desde o primeiro capítulo contra as ações governamentais. Outra questão relativa ao trecho acima é o discurso forjado do Diretor do Serviço Geológico e Minerológico Federal; Lobato volta a ficcionalizar os discursos com propósito de continuar sua arguição.

As perspectivas discursivas supracitadas da obra *O Escândalo do Petróleo* comprovam que a interferência do discurso lobatiano se contrapõe à interferência política do governo Vargas. É como se restasse ao escritor jornalista a liberdade do livro-reportagem para dizer o que ainda não aconteceu no campo do fazer.

Segundo o teórico português Adriano Duarte Rodrigues (1990, p. 158), o jornalismo é um campo “em que as funções expressivas predominam sobre as funções pragmáticas. É um campo em que o dizer prevalece sobre o fazer; a importância dessas funções faz com que o discurso assumira na modernidade uma posição central na estruturação do tecido social”.

Neste sentido, a polêmica instaurada no livro tem o sentido de contribuir com o debate da opinião pública sobre o petróleo. “A dimensão pragmática, isto é, a competência que as instituições possuem para intervir com eficácia num domínio da experiência, escapa ao domínio do discurso midiático” (Rodrigues in: Mouillaud & Porto: (2002, p. 223). Assim, o discurso jornalístico incorpora os discursos institucionais e a interferência dá-se de discurso para discurso.

Rodrigues também trata do discurso metafórico. Para ele,



“a contaminação provocada pelo discurso midiático entre as diferentes modalidades discursivas é responsável pela natureza metaforizante da prática discursiva midiática. Este fato de assimilar parte da dimensão discursiva das outras instituições contribui para a função de mediação de que o discurso midiático é responsável” (Rodrigues in: Mouillaud & Porto:2002, p. 222).

Monteiro Lobato metaforizou os discursos oficiais ao selecionar o que seria editado no livro-reportagem, o que seria criticado a partir de suas interferências, marcando sua discursividade com recursos literários, como a hipérbole e a ironia, e textuais, como o uso da condicional se.

O teórico português ao falar dessa natureza metaforizante aponta estratégias do discurso midiático que servem não só para a seleção dos discursos institucionais como também para relativizar estes e o dizer jornalístico. Então, o jornalismo se pauta na metadiscursividade porque não se institui nem como discurso superior e nem antipático, ou seja, é apto ao que é dito nas esferas sociais.

Em O Escândalo do Petróleo, Lobato utiliza as estratégias de *naturalização*, ao reconhecer a força política do dizer oficial, do *reforço*, ao legitimar tanto o desagravo do governo nas insistentes respostas negativas dos documentos oficiais como o seu panfletário ataque ao Estado, de *alterar os regimes de funcionamento*, exigindo constantemente respostas do poder federal, e da *visibilidade* aos discursos em confronto. Elas são utilizadas para polemizar o capitalismo nacional, e são expressivas nos confrontos e interferências lobatianas dos trechos supracitados do livro.

Essas estratégias existentes no livro-reportagem em questão também expressam a complexidade do panfleto jornalístico. No caso lobatiano, os discursos do autor dão visibilidade e minimizam os discursos políticos, como estes reforçam e relativizam a denúncia feita por ele. O livro, portanto, reflete a polêmica social entre o governo Federal, em uma sintonia com o capitalismo internacional, e uma certa opinião pública movida a uma modernidade econômica aliada a um nacionalismo político-cultural. Lobato mostra que, apesar do seu denunciamento, o debate se relativiza na arena social mesmo que o poder oficial engendrar seus discursos como os únicos que são legítimos.

No livro-reportagem-tese Ferro, o escritor jornalista segue os mesmos passos para defender um capitalismo nacional. Nesta segunda obra, ele argumenta que o crescimento econômico deve acontecer até mesmo adotando-se uma técnica siderúrgica criada por um estrangeiro. Trata-se de um processo industrial de produção de ferro atribuído a William H. Smith.



A tese lobatiana defende o ferro como base do desenvolvimento brasileiro ao reproduzir o processo Smith, sendo um mineral indispensável ao consumo interno contra a colonização econômica dos estrangeiros. Porém, o autor denuncia que o ferro é um problema oficial como o petróleo, e termina o livro apontando outra riqueza nacional, o café, como fonte de carbono para a produção de ferro em larga escala.

Lobato é menos panfletário em *Ferro*, mas usa o discurso metaforizante expresso, por exemplo, de forma alegórica nesta passagem:

“Ha tanta escora e espeque e amarelho de cipó na nossa estrutura social, que ninguém consegue ver claro a forma do nosso edificio. Parece republica e não é. Parece democracia e não é. Parece país e não é. Parece que está vivo e não está” (sic) (1969, p. 282).

A alegoria literária se instituiu através da analogia do Brasil com algo disforme. A crítica de um país morto dá-se com a sistemática insistência em convencer os poderes públicos federais. O autor afirma no livro que alertou o governo sobre o novo processo siderúrgico, sugerindo envio de técnicos brasileiros a Detroit, mas obteve resposta quatro anos depois.

Lobato também usa de alegoria ao denunciar a dependência econômica brasileira: “O Brasil, por exemplo, é satélite humilde de todos esses sois, comprando-lhes desde o prego com que une as suas tabuas até a faca com que Lampeão destripa gente nos sertões” (sic) (1969, p. 273).

O discurso lobatiano prevalece neste segundo livro-reportagem. Sua preocupação maior é esclarecer o leitor sobre o processo Smith. Seus argumentos são bem marcados já que não interferem ou inventam discursos de outrem. No entanto, Lobato também utiliza neste livro as estratégias discursivas, apresentadas por Adriano Duarte, *de naturalização, reforço* das legitimidades do poder Federal e de seu panfleto, *de alterar os regimes de funcionamento* ao sugerir alternativas econômicas e de *visibilidade*. O escritor jornalista representa a polêmica social em torno do capitalismo brasileiro; a diferença é que em *Ferro* ele demonstra que importar uma técnica estrangeira é se livrar dos interesses estrangeiros; seu capitalismo nacional não dá as costas ao que o capitalismo industrial internacional tem de bom a oferecer.

Concluindo as assertivas sobre as duas obras, percebemos que Monteiro Lobato formatou em coleção de livros-reportagem uma sistemática defesa pela independência econômica brasileira, sem evitar a atitude dos discursos oficiais em forjar um interesse



pela exploração petrolífera e siderúrgicas através de capitais estrangeiros. Relativizou a própria opinião pública da época.

Ao interferir nos discursos de outrem através do seu estilo irônico, do dizer ora metaforizante ora não marcado, ele nos mostra que o livro-reportagem é um gênero privilegiado não só por sua extensão que amplia as possibilidades da polêmica discursiva não atrelada às linhas editoriais das redações, mas também por ultrapassar os limites entre fato, ficção e opinião.

A prova maior é que este gênero se justifica como lugar da imparcialidade; Monteiro Lobato assim o fez relativizando os discursos do país como nação, independente economicamente, e do Brasil sem consenso a respeito de um projeto de nação. No dizer de Benedict Anderson⁸, O Escândalo do Petróleo e Ferro representam a falta desse projeto porque não há consenso na opinião pública brasileira.

As palavras do próprio escritor jornalista são sintomáticas do jornalismo de autor, presente no livro-reportagem, contraposto ao jornalismo diário: os jornais brasileiros nunca esclarecem uma questão. “Estudam-na sempre deslembados do objetivo de esclarecê-la. O negócio parece que é baralhar, pois só o embaralhamento renderá qualquer coisa” (Cavaleiro: 1955, p. 338-339). Lobato cumpriu, com as duas obras em questão, seu papel de esclarecer denunciando.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Simão Farias. **Livro-reportagem: um gênero de polêmica.** Disponível em <www.ufr.br>.

ANDERSON, Benedict. Introduction. In: _____. **Imagined communities: Reflections on the origin and spread of nationalism.** London, New York: Verso, 1991.

⁸ Segundo Anderson (1991, p.7), “regardless of the actual inequality and exploitation that may prevail in each, the nation is always conceived as a deep, horizontal comradeship” [“não importa a desigualdade e exploração real que podem predominar em cada uma, a nação é sempre concebida como um profundo, e companheirismo em comum”] (Tradução Nossa).



CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato: vida e obra.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

LOBATO, Monteiro. **O Escândalo do Petróleo e Ferro.** 11^a ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1969.

RODRIGUES, Adriano Duarte. Delimitação, natureza e funções do discurso midiático. In: MOUILLAUD, Maurice & PORTO, Sérgio Dayrell (Orgs). **O Jornal: da forma ao sentido.** 2^a ed. Brasília: Ed. Unb, 2002.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias da Comunicação: questão comunicacional e formas de sociabilidade.** Lisboa: Editorial Presença, 1990.

WOLFE, Tom. **Radical chique e o novo jornalismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.